

Na Era da Informação

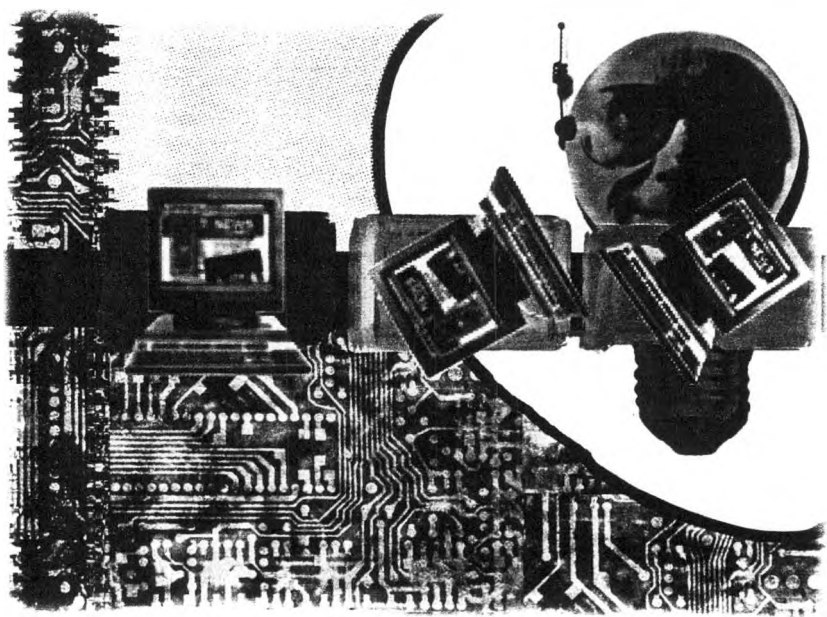
Rafael Melo

1999

COMUNICAÇÃO

Evolução ininterrupta e vertiginosa da mídia cria "educadores" e obriga Escola a rever modelos pedagógicos

Na ERA da INFORMAÇÃO



Culto Novo

Clayton Melo

A escola tradicional está se tornando obsoleta. Sua estrutura pedagógica, calcada no saber do professor e dos livros, não corresponde mais a uma sociedade que respira tecnologias. Vivemos a era da informação. Além da TV, do rádio e dos veículos impressos, hoje temos também a onipresente informática e a irreversível Internet. A civilização do livro tem de se adaptar a essa revolução, sob o risco de ser uma página virada na História.

Essas questões centrais norteiam o trabalho do professor Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA (NCE) e vice-presidente do *World Council for Media Education* (WCME), entidade fundada em 1995, sediada em Madri e que estuda a relação entre mídia e Educação.

Segundo relata o professor Soares em um de seus artigos, citando o pesquisador José Antônio Dacal Alonso, da Universidade Ibero-americana, do México, "a razão iluminadora, própria da modernidade e pela forma como se

estruturou o Ensino no mundo ocidental, já não oferece os paradigmas adequados para a construção de um projeto educativo que atenda às necessidades do momento histórico". Em outros termos, quadro negro, giz e saliva não seriam mais suficientes para a Educação que o próximo milênio exige.

Outro motivo para revermos o modelo atual é o surgimento de "novos modos de compreender", conforme expressão do filósofo francês Pierre Babin. As tecnologias recentes permitem maneiras diferentes de entendimento, "assim como aconteceu com a escrita e com a imprensa, por meio dos tipos móveis de Gutenberg", explica Soares.

"A criança hoje apreende pelo impacto audiovisual da TV, do rádio e da publicidade, por exemplo", diz o coordenador do NCE. "As atuais gerações",

continua, "absorvem o modelo de apreensão da realidade determinado pelo impacto das emoções advindas de um universo sensorial em movimento". O que acontece hoje "é que os professores estão em uma era e os alunos em outra", lamenta Soares. Para Geneviève Jacquinot, da Universidade

de Paris VIII, "a Escola é insubstituível, mas deve incorporar as mudanças tecnológicas".

Desde a década de 70, intelectuais do mundo inteiro pesquisam como se dá a interação entre mídia e Educação. Esse campo de estudo não tinha perfil definido,

muito menos um nome. Foi então que o pensador uruguaio Mário Kaplun cunhou o termo *educomunicação*, que, simplificada, é o estudo da aplicação dos recursos da multimídia no processo educativo.

"A tecnologia não é uma invenção do mal", brinca Luís Busatto, da Universidade de Grenoble, França

O profissional da nova realidade é, na visão de Soares, "um autodidata", com sólida formação na área de humanas – sociologia, antropologia, psicologia. "O educador já existe, e nosso papel como universidade é torná-lo visível. Ele desenvolve um ecossistema comunicacional, tratando das relações entre professor e aluno, Escola e comunidade, a mídia e seu público", explica.

Pode parecer estranho à primeira vista, mas o escritor Monteiro Lobato e o pedagogo Paulo Freire estão ligados à educação. Lobato, preocupado que era com a questão da cidadania, aproximou a indústria cultural (representada pelas editoras) do ensino informal. "Por meio de uma visão holística, ele permitiu que milhares de educadores tomassem contato com o espaço da comunicação", diz Soares. Já Paulo Freire levou os professores a refletirem sobre as práticas comunicativas, defendendo uma pedagogia participativa. "Os dois são paradigmas para nós", completa o professor da ECA.

A discussão sobre o tema é relativamente nova. O auge está sendo nesta década, embora haja poucos trabalhos empíricos abordando a educação. Mas o Brasil desponta como um dos líderes mundiais na área.

Monteiro Lobato aproximou a indústria cultural do ensino informal



Reprodução

Comprovação disso foi a realização em São Paulo, no último mês de maio, do *I Congresso Internacional de Comunicação e Educação*, promovido pelo WCME e pelo NCE. Estiveram presentes intelectuais dos cinco continentes. Entre os principais pontos debatidos estavam ensino a distância, uso da informática na sala de aula e consolidação da cidadania na era digital.

Um dos debates do Congresso foi sobre como pôr a informática a serviço da Educação. O colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no Rio de Janeiro, por exemplo, coloca a garotada para mexer com computador desde o maternal. Nesse caso, os teclados são de madeira, com poucas teclas. A coordenadora do projeto, Tereza Cristina de Souza, explica: "Todos os alunos, até o final do ensino médio, têm aulas de informática na grade curricular. Se o professor identifica um problema no aprendizado, ele pede ao técnico um programa adequado para sanar aquela deficiência. Nós usamos o computador como apoio no processo pedagógico". A escola é um provedor comercial da Internet. Isso permite aos alunos acesso permanente à Rede sem taxas extras na mensalidade. Tereza Cristina diz que um dos objetivos é ensinar a pesquisar na Internet. "O professor auxilia, mas quem faz é o aluno", esclarece a coordenadora.

Sociedade virtual – Já Sérgio Ferreira do Amaral, da Unicamp, relatou a utilização dos recursos de audiodifusão aplicados à Educação na Rede. Ele sintetiza o trabalho com um exemplo prático: "Há uma série de debates que ocorrem na Unicamp que colocamos ao vivo pela Internet. Alguém em São Paulo pode assistir e se corresponder com a mesa por meio de correio eletrônico". Ele diz que certa vez uma emissora na Bahia retransmitiu um dos debates no rádio. Segundo Amaral, o maior problema na edu-

cação a distância via Internet é a avaliação: "Estão sendo pouco trabalhados os métodos de avaliação do conteúdo programático".

Há sempre a polêmica em torno da necessidade ou não da presença do

professor. Para Marlene Blois, vice-presidente do Creade (Consórcio-Rede de Comunicação a Distância), não há motivo para discussão: "A Educação é uma só, seja presencial ou não". Luís Busatto, da Universidade de Grenoble, na França, acha que "o ensino presencial é muito ligado aos sentidos e

sua abrangência é pequena". Ele se entusiasma com a possibilidade de educar centenas ou milhares de pessoas por meio de uma TV, por exemplo.

A rapidez dos avanços tecnológicos em um mundo globalizado é fascinante, porém, cabem reflexões. Como utilizaremos as máquinas fantásticas que criamos e iremos criar? Fala-se muito em uma sociedade virtual, em que as relações se estabelecerão por meio dos espaços cibernéticos. Como fica a questão da cidadania nesse contexto? E a democratização do saber, haverá de fato? "A tecnologia não é uma invenção do mal", adverte Busatto. Mas, nas palavras do professor Mário Kaplun, "o problema é o uso que vamos fazer dela".

O caminho para uma Escola adaptada às conquistas da Ciência é longo. Para começar é preciso "desmistificar a tecnologia", como diz o professor Amaral, da Unicamp. Um dia, espera-se, toda e qualquer pessoa terá acesso às maravilhas da Comunicação. Só que, por enquanto, segundo Roberto Aparici, presidente do WCME, "isso é só um sonho". A globalização abraça a humanidade, "embora não signifique necessariamente democratização dos meios", lamenta Aparici. Em meio à celeuma globalizante, como fica a Educação? Responde Ismar de Oliveira Soares: "Ela não pode ser feita sem passar pelos recursos da Comunicação". ■

"É preciso desmistificar a tecnologia", defende Sérgio Ferreira do Amaral, professor da Unicamp